

## O AGENCIAMENTO DELEUZE- GUATTARIANO NA TEIA JAMINIANA POLÍTICA E REVOLUÇÃO NO ROMANCE JAMAICANO *BREVE HISTÓRIA DE SETE ASSASSINATOS*

**João Vitor Dias da Cruz**  
(PPGLitCult/UFBA Doutorado)

**Ana Lígia Leite e Aguiar**  
(UFBA)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<p><b>João Vitor Dias da Cruz</b> é mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult/UFBA). E-mail: <a href="mailto:jvitor.kiss61@gmail.com">jvitor.kiss61@gmail.com</a>.</p> <p><b>Ana Lígia Leite e Aguiar</b> é professora adjunta de Literatura Brasileira na Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: <a href="mailto:analigialeite@gmail.com">analigialeite@gmail.com</a>.</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>O agenciamento deleuze-guattariano é um operador teórico que se responsabiliza pelos conteúdos e vozes postas em diálogos dentro de um romance. Nessa perspectiva, ele pode ser compreendido a partir de duas vertentes: o maquínico e o coletivo de enunciação. Ambos, destacam os filósofos, são dependentes um do outro e juntos sintetizam o que é um objeto por excelência de um romance. Diante disso, forjaremos o conceito para compreender o modo como o autor jamaicano Marlon James (2017) agencia as vozes de seus narradores em sua obra literária <i>Breve história de sete assassinatos</i>. Ambientado em uma Jamaica recém-independente, o romance se responsabiliza em narrar, a partir de dezenas de vozes, o passado histórico e político da ilha, sobretudo em 1976, ano que acontecia corrida eleitoral dentro daquele país. Dessa forma, fizemos um levantamento bibliográfico das obras que nos ajudassem a compreender o operador teórico aqui posto em análise, bem como pesquisas que respaldassem nossas discussões sobre a Jamaica setentista.</p>	<p>The deleuze-guattarian agency is a theoretical operator that is responsible for the contents and voices placed in dialogues within a novel. From this perspective, it can be understood from two angles: the machinic and the enunciation collective. Both, emphasize the philosophers, are dependent on each other and together they synthesize what is an object par excellence of a novel. Given this, we will forge the concept to understand how the Jamaican author Marlon James (2017) manages the voices of his narrators in his literary work <i>Brief history of seven murders</i>. Set in a newly independent Jamaica, the novel is responsible for narrating, from dozens of voices, the historical and political past of the island, especially in 1976, the year that an electoral race was taking place in that country. In this way, we carried out a bibliographical survey of the works that would help us to understand the theoretical operator here under analysis, as well as research that would support our discussions on Jamaica in the seventies.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Agenciamento; <i>Breve história de sete assassinatos</i> ; Literatura jamaicana.	Agency; <i>A brief history of seven Killings</i> ; Jamaican Literature.

## INTRODUÇÃO

Ambientado em um país onde o clima político é marcado por fortes tensões sociais, o terceiro romance publicado pelo escritor jamaicano Marlon James (2017) se responsabiliza em revisitar o período histórico de 1976 que é pouco conhecido mundo afora. *Breve história de sete assassinatos* é um romance-coral<sup>1</sup> que conta com a presença de dezenas de narradores para relatar a situação política e social da Jamaica na segunda metade da década de 1970. Dessa forma, o romance tem como ponto de partida a tentativa de assassinato que o astro do reggae, Bob Marley, e seus familiares sofreram na silenciosa noite de 3 de dezembro de 1976. Por meio desse evento, a narrativa ganha forma, força e uma tonalidade única ao reverberar vozes de narcotraficantes, ex-políticos, assassinos e, até mesmo, de um defunto, que no livro conta histórias a partir de sua cova.

Nascido em 1970, na Jamaica, Marlon James tinha apenas 6 anos quando vivenciou de perto a crise política que atravessou a ilha e deixou a triste marca de centenas de mortos no país (STONE, 1977). *A brief history of seven killings*, título de partida de seu romance, estreou em 2015 e, nesse mesmo ano, foi o grande finalista do maior prêmio literário inglês: o *Booker Prize*, na categoria Livro do Ano. Além dessa honraria, Marlon James foi reverenciado por esse romance em diversas outras premiações, como o *Anisfield-Wolf Book Award* e o *Minnesota Book Award*, ambos em 2015 – sendo o primeiro na categoria Ficção e o segundo em romance e contos. Segundo afirma o próprio romancista, sua intenção ao escrever o livro era de não cair no estereótipo de uma única dicção, isto é, ele desejava que a história social da Jamaica, a qual ambienta o romance, não fosse contada apenas por uma voz e sim por um coral de narradores.

Formado em Língua e Literatura pela Universidade das Índias Ocidentais – localizada nos arredores da grande Kingston e fundada em 1948 –, Marlon James tem mestrado também em Escrita Coletiva pela Universidade de Wilkes, nos Estados Unidos. Autor de diversos romances, *Breve história de sete assassinatos* chegou ao Brasil em 2017, pela editora Intrínseca. Em 2021, a primeira parte de sua trilogia também estreou no país pela mesma editora, intitulada *Leopardo Negro, Lobo Vermelho*. Nesse último romance, o autor utiliza diversos personagens para contar um pouco das cosmopercepções africanas, falar sobre ancestralidade e refletir sobre a espiritualidade dos povos afros.

O romance *Breve história de sete assassinatos* se responsabiliza em refletir a situação política da Jamaica, no ano de 1976, sob o prisma da tentativa de assassinato ao cantor

---

<sup>1</sup> Entendemos por romance-coral uma narrativa que utiliza diversas vozes, de vários pontos sociais, para contar a história política e social que se projeta sobre a ilha.

Bob Marley. Nesse período, o cientista político jamaicano Carl Stone (1977) ressalta que a Jamaica vivenciava um clima de tensão, isto, graças às disputas parlamentares que ocorreriam naquele mesmo ano. Isto posto, estavam no pleito o candidato à reeleição Michael Manley, com o Partido Nacional do Povo (PNP), de cunho esquerdista; e Edward Seaga, com o Partido Trabalhista Jamaicano (PTJ), de espectro direitista.

Diante desse cenário de violência que deixou a triste marca de centenas de mortos na ilha – até mesmo os dois políticos que disputavam o pleito foram baleados (STONE, 1977) –, Bob Marley é convidado a fazer um concerto musical intitulado *Smile, Jamaica*, a fim de unir os povos jamaicanos que se encontravam em guerra constante por conta da disputa eleitoral. Esse episódio, no entanto, desdobrou-se na tentativa de assassinato ao cantor e à sua família, às vésperas do show realizado na grande Kingston.

Assim sendo, é neste quadro de guerra que Marlon James (2017), no romance *Breve história de sete assassinatos*, recorre aos seus narradores para contar as suas versões sobre esse período político que atravessou a Jamaica. Ao agenciar dezenas de vozes, Marlon James (2017) permite que o seu país seja lido e reconhecido por aspectos sociais distintos – desde os políticos da alta classe aos jovens periféricos que alimentam a narrativa jaminiana.

Por conseguinte, ao escrever sobre a Jamaica de 1970, dando voz e vida aos seus personagens, Marlon James (2017) reverbera o conceito filosófico de agenciamento. Esse mecanismo filosófico contemporâneo, a rigor, é um objeto de excelência para os romances, como bem destacam Gilles Deleuze e Félix Guattari (2017b).

No pensamento deleuze-guattariano, o agenciamento está em confronto direto com a narrativa tradicional, isto é, aquele romance em que notamos apenas a voz do autor. A noção de agenciamento na episteme de Deleuze e Guattari (2017a; 2017b) serve como motor para criar expectativas e tangenciar vozes que foram suprimidas por uma literatura e historiografia tradicional. Desse modo, em diálogo com os filósofos franceses e a narrativa jamaicana de Marlon James (2017), este artigo tem como intenção responder ao seguinte problema: de que modo Marlon James agencia o período político da ilha, na década de 1970, e as suas dezenas de narradores?

Para elucidar tal questão, na primeira seção deste estudo, analisaremos o que os filósofos franceses entendem como agenciamento e o modo como percebemos esses mesmos aspectos na narrativa de Marlon James (2017). E, por conseguinte, teceremos críticas sobre a situação política da Jamaica de 1976 à luz do romance que compõe o *corpus* desta pesquisa: *Breve história de sete assassinatos*.

## 1 A MÁQUINA QUE AGENCIA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE GILLES DELEUZE, FÉLIX GUATTARI E MARLON JAMES

Para os filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, a noção de agenciamento pode ser compreendida a partir de duas vertentes indissociáveis e que sustentam uma à outra. A primeira é o agenciamento maquínico do desejo (DELEUZE; GUATTARI, 2017b; 1995) e a segunda é o agenciamento coletivo de enunciação (DELEUZE; GUATTARI, 2017a). Nessa perspectiva, as noções apresentadas pelos teóricos são o que eles compreendem por “objeto por excelência de um romance” (DELEUZE; GUATTARI, 2017b, p. 147). Esse objeto é o motor, o coração de uma narrativa, pois, a partir dos agenciamentos, percebemos o modo como o autor trabalha com a existência das vidas e das vozes de seus personagens.

O agenciamento maquínico do desejo vai trabalhar com os modos de vida existentes. Para isso, como ressaltam Deleuze e Guattari (2017b), é necessário que o autor crie territórios de diferença para que, a partir deles, essas vidas possam ser guiadas sem o medo da exclusão e do silenciamento. Para os teóricos, o agenciamento maquínico é a parte integrante de um corpo, cuja materialidade será reconhecida por meio de devires e potências existenciais.

Um agenciamento maquínico é direcionado para os estratos que fazem dele, sem dúvida, uma espécie de organismo, ou bem uma totalidade significativa, ou bem uma determinação atribuível a um sujeito, mas ele não é menos direcionado para um corpo sem órgãos, que não para de desfazer o organismo, de fazer passar e circular partículas a-significantes, intensidades puras, e não para de atribuir-se os sujeitos aos quais não deixa senão um nome como rastro de uma intensidade. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 11)

O agenciamento maquínico, tal qual discutem Deleuze e Guattari (1995), vai operar junto à filosofia da multiplicidade. Isto é, aqui, não vai haver uma identidade uníssona que baliza o processo de diferenciação. Nesse conceito, a ideia é fazer com que as identidades sejam reconhecidas a partir de suas materialidades, levando em consideração as diferenças e as suas potências existenciais. A filosofia da multiplicidade, por sua vez, está calcada no conceito que Deleuze (2021) entende como diferenciação, visto que todas as identidades prévias serão abolidas, abrindo espaço para um processo de diferença.

Em *Diferença e repetição*, Deleuze (2021) faz uma crítica sobre o processo de diferenciação e alerta sobre o processo de repetição na Grécia Antiga. Segundo o filósofo, a noção de repetição era privilegiada no pensamento platônico, processo esse que diminuiu a lei da racionalidade e aboliu as identidades dissidentes. Recorrendo a esse período histórico, Deleuze (2021, p. 55) ironiza o pensamento platonista chamando-o de

“o feliz momento grego”.

Nessa esteira discursiva, Deleuze (2021) faz uma análise sobre o processo de representação e identifica que, a partir da teoria da diferença, podemos percebê-la entre duas vertentes: orgânica ou finita e orgiaca ou infinita. A primeira, inicia-se na ideologia de Platão, e o autor percebe que nessa corrente a representação tinha um final, isto é, para pertencer à República, os discípulos tinham que seguir um processo de repetição baseado no pensamento ocidental. A segunda, por sua vez, tem o seu início com a teoria de Friedrich Hegel (1770-1831), pois, segundo Deleuze (2021), foi Hegel quem aproximou a noção de diferença a uma ideia orgiaca, ou seja, uma representação infinita.

É de se observar, neste sentido, a que ponto Hegel, não menos que Leibniz, atribui importância ao movimento infinito do esvaecimento como tal, isto é, ao momento em que a diferença se esvaece, momento que é também aquele em que ela se produz. É a própria noção de limite que muda completamente de significação: não designa mais os marcos da representação finita, mas, ao contrário, a matriz em que a determinação finita não para de desaparecer e de nascer, de se envolver e de se desenrolar na representação orgiaca. (DELEUZE, 2021, p. 71)

Na concepção deleuzeana, Hegel foi um teórico que aproximou a ideia de representação a uma multiplicidade e, assim, mostrou o não-limite de uma identidade dissidente. Esses pressupostos levantados por Deleuze (2021) nos ajudam a compreender como o agenciamento maquínico vai trabalhar a partir de uma filosofia da diferença. Essa noção de agenciamento maquínico, também, trabalha diretamente com o conceito amplamente estudado pela psicanalista brasileira Suely Rolnik (2016), a saber: a cartografia. Em *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*, a autora cria cenas ficcionais entre a noivinha e o cartógrafo, a fim de perceber como o desejo é transformado na contemporaneidade em conformidade com este território dissidente que abarca outros tipos de vida e corpos.

Para a psicanalista brasileira, a cartografia não cai na alçada geográfica, embora ela utilize sempre o território como produtor de vidas existentes. Cartografar, aqui, está empregado no sentido filosófico, isto é, o autor como criador de seu mundo e, assim, ele reverbera a necessidade de seu povo a partir de sua escrita. Desse modo, a cartografia postulada por Rolnik (2016), e reverberada pelos filósofos franceses, pensa sempre em um devir, em um povo que não foi dito, aquilo que desterritorializa e, sobretudo, que agencia e dá tonalidade.

Por conseguinte, para pensar o agenciamento, Deleuze e Guattari (2017b, p. 147) recorrem a literatura do autor tcheco Franz Kafka, pois “não somente Kafka é o primeiro a demonstrar essas duas faces, mas a combinação que delas se dá e com uma assinatura pela qual os leitores reconhecem necessariamente”. Essa combinação está entre os dois

aspectos do agenciamento que os filósofos delegaram a Kafka como o primeiro escritor a unir essas duas noções.

O romance analisado por Deleuze e Guattari (2017b), o qual localiza a escrita de Kafka como uma obra desterritorializada, é *Amerika*. Nessa obra, Kafka coloca o seu protagonista, Karl Rossmann, como um refugiado nos Estados Unidos, tendo saído de seu país natal, Alemanha, em busca de uma vida com mais paz, isso, no início do século XXI. Assim, a partir dessa migração do personagem, os teóricos perceberam como a literatura pode construir modos existentes de vida para aquelas vidas nuas. Além disso, nesse mesmo romance, os filósofos identificam uma denúncia sobre a condição dos trabalhadores em uma sociedade, por excelência, exploradora.

Desse modo, utilizando a metáfora da mecânica para falar de agenciamento maquínico, Deleuze e Guattari (2017b, p. 147-148) ressaltam:

Ele [Kafka] conhece tudo isso de perto, mas seu gênio é considerar que homens e mulheres fazem parte da máquina, não somente em seu trabalho, mas ainda mais em suas atividades adjacentes, seu descanso, seus amores, seus protestos, suas indignações, etc. O mecânico é uma parte da máquina, não somente enquanto mecânico, mas no momento em que ele cessa de sê-lo.

No pensamento dos filósofos, toda regra social e capital soberano faz com que os nossos corpos produzam sentidos que servem como motores para a manutenção dos seus *status*. É essa denúncia, também, que os autores identificaram na escrita do romancista tcheco, pois, no momento em que Kafka foge de uma estrutura dominante, ele agencia coletivamente todo o seu povo. Nesse sentido, Deleuze e Guattari (2017b) pensam o agenciamento maquínico como agenciamento de desejo:

É que a máquina é o desejo, não que o desejo seja desejo da máquina, mas porque o desejo não cessa de fazer máquina na máquina, e de construir uma nova engrenagem ao lado da engrenagem precedente, indefinidamente, mesmo se essas engrenagens parecem [*sic*] se opor ou funcionar de maneira discordante. (DELEUZE; GUATTARI, 2017b, p. 148)

Essa máquina, endossada pelos autores, está em consonância com todo o coletivo social menor, bem como com suas potências e seus devires. Mais adiante, os teóricos concluem que “[...] a máquina técnica seja ela mesma não mais uma peça em um agenciamento social que ela supõe, e que sozinho merece ser chamado ‘maquínico’, isso nos prepara para o outro aspecto: o agenciamento maquínico de desejo é também agenciamento maquínico de enunciação” (DELEUZE; GUATTARI, 2017b, p. 148).

Dessa forma, sob o prisma do romance de Kafka, Deleuze e Guattari (2017b) nos apresentam o agenciamento coletivo de enunciação. Essa noção vai trabalhar diretamente

com os aspectos do agenciamento maquínico, pois “os *agenciamentos coletivos de enunciação* funcionam, com efeito, diretamente nos *agenciamentos maquínicos*, e não se pode estabelecer um corte radical entre os regimes de signos e seus objetos” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 14, grifo do autor).

O agenciamento coletivo de enunciação, na teia deleuze-guattariana, é o terceiro aspecto do que os teóricos consideraram como uma literatura menor. Essa expressão, para os pensadores, é uma forma de transgressão por meio da escrita. A partir desse acesso político, portanto, podemos localizar em Kafka a sua literatura que legitima todo o seu povo judeu.

Para Deleuze e Guattari (2017a, p. 35):

O problema da expressão não é colocado por Kafka de uma maneira abstrata universal, não em relação com as literaturas ditas menores [...]. Uma literatura menor não é a de uma língua maior, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior. Mas a primeira característica, de toda maneira, é que, nela, a língua é afetada de um coeficiente de desterritorialização.

Dessa maneira, os autores nos apresentam a primeira noção que guia a literatura menor, ou seja, a fuga de uma língua maior. Para eles, não pode uma literatura menor pertencer a uma língua maior, pois ela tem, por excelência, a arte de reinventar a sua expressão. Essa característica está muito presente na literatura de Marlon James (2017). Escrita em *patois* jamaicano, a língua que mistura gírias locais com o inglês negro, a narrativa jaminiana consegue a excelência de fugir dessa língua maior e, ao mesmo passo, agenciar povos. Um exemplo desse exposto é manifestado na fala de Bam-Bam, jovem negro e pobre que reside na favela de Kingston:

Na favela, a vida não vale nada. Aqui, matar um moleque não significa nada. Eu lembro a última vez que meu pai tentou me salvar. Ele tinha voltado correndo da fábrica, eu lembro porque minha cabeça dava na altura do peito dele quando a gente ficava de pé, e ele tava respirando de boca aberta, que nem um cachorro. Passamos o resto da noite dentro de casa, ajoelhados no chão. É um jogo, ele disse, muito alto e muito rápido. Quem fica de pé primeiro perde, ele disse. Então eu fico de pé porque eu tenho dez anos e já sou crescido e tô de saco cheio daquele jogo, mas ele dá um grito, me derruba e dá um soco no meu peito. (JAMES, 2017, p. 25)<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Na versão original do livro, podemos vislumbrar essa da língua menor narrada pelo romancista, assim: “And ghetto life don’t mean nothing. Is nothing to kill a boy. I remember the last time my father try to save me. He run home from the factory, I remember because my face reach him chest when we both stand and he panting so hard like a dog. The rest of the evening we in the house, on we knee and toe. Is a game he say, too loud and too quick. Who stand up first lose, he said. So me stand up because me is ten and me is big boy and me tired of game but he yell and grab me and thump me in the chest.” (JAMES, 2015, p. 22).

A tradução para o português brasileiro perdeu um pouco do sentido manuseado pelo autor ao escrever a obra originalmente, porém, podemos, ainda assim, perceber aspectos linguísticos na fala do personagem que fogem de uma estrutura normativa. Dito isso, o segundo aspecto dessa literatura menor é a ligação do imediato com o político, isto é, todo o conteúdo exposto na narrativa considerada menor é político, pois ela enuncia coletivamente a sua população.

Isto posto, o percurso feito até aqui serviu para nos mostrar o entendimento dos filósofos sobre o agenciamento e o modo como perceberemos isso na literatura de Marlon James (2017). Alinhando a teoria de Deleuze e Guattari (2017a; 2017b; 1995) à obra jaminiana, entenderemos como o romancista agenciou os seus personagens e trouxe para o centro do debate a situação política da ilha caribenha, na década de 1976, a partir de seu romance-coral.

Assim, justifico a utilização dos teóricos franceses, neste estudo, por acharmos similaridades entre o agenciamento proposto por Kafka em sua obra e na literatura de Marlon James (2017). Como suscitado, a narrativa jaminiana conta com um total de setenta e quatro vozes expondo a história da Jamaica pós-independente. Entre essas vozes, destacam-se cinco narradores, a saber: Sir Arthur George Jennings, Bam-Bam, Nina Burgess, Papa-Lo e Chorão. Todos eles falam em 1976, ano de corrida eleitoral na ilha, que culminaria em uma centena de mortos, por conta da violência política excitada entre os dois partidos antagonistas.

## 2 O AGENCIAMENTO NA TEIA JAMINIANA

Criando modos de vida existentes, o romance jamaicano é aberto pelo político morto. Sir Arthur George Jennings foi assassinado a mando de Peter Nasser, que estava a serviço do PTJ, ele era político rival que concorria ao pleito com o falecido no ano de 1959. Sir Arthur, na narrativa jaminiana, é um dos poucos personagens que consegue navegar pelos cinco anos que são explorados no decorrer do romance. Dessa forma, sempre que aparece na narrativa, é para contar a história sangrenta da Jamaica. Com isso, podemos concluir que, ao agenciar o personagem, Marlon James (2017) explora o político morto como uma metáfora para um país que, de certa forma, também está com a sua política morta. Nessa perspectiva, o referido personagem exclama:

*Escuta.*

Os mortos nunca param de falar. Talvez porque a morte não seja de fato o fim, só uma coisa parecida com ficar de castigo no colégio [...].

Os mortos nunca param de falar, e às vezes os vivos escutam. Às vezes ele me

responde se eu digo alguma coisa bem quando os olhos dele começam a tremular no meio do sono, e ele continua falando até que sua mulher lhe dê um tapa. Mas eu prefiro ficar ouvindo os que estão mortos há muito tempo. Eu vejo homens vestindo calças esfarrapadas e longos casacos ensanguentados e eles falam, mas começa a sair sangue pela boca e, minha nossa senhora, aquela rebelião de escravos foi mesmo um negócio terrível e aquela rainha, é claro, não serve para mais nada desde que a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais começou seu declínio em relação ao Oriente, principalmente por causa da má qualidade dos produtos, e porque é que tem tanto crioulo que dorme em qualquer lugar de qualquer jeito e quando bem lhes dá na telha e eu misturo tudo, tanto que nem sei onde é que botei o lado esquerdo do meu rosto. Estar morto é entender que morrer não é partir, é ficar suspenso na imensidão. O tempo não para. Você vê ele se mover, mas você fica imóvel, feito uma pintura, feito o sorriso da Mona Lisa. (JAMES, 2017, p. 15-16)

Sir Arthur, dessa forma, é um fantasma que recorre às suas memórias para narrar a política violenta que permeia a ilha – e a mesma que o vitimou. Fazendo uma série de acusações aos políticos vivos da ilha no ano de 1962, o personagem lembra o modo como a Jamaica ainda permanece subalterna à coroa britânica quando exclama a seguinte frase: “aquela rainha, é claro, não serve para mais nada [...]” (JAMES, 2017, p. 16). Isso porque, mesmo assumindo-se independente, a Rainha Elizabeth II ainda era a chefe de Estado da Jamaica<sup>3</sup>. Dessa forma, toda vez que o falecido político ganha voz na narrativa é para denunciar o local de abjeção a que os seus povos são alçados. Mais adiante, ele conclui: “Esta é uma história de vários assassinatos, de garotos que não significavam nada pra um mundo que não para de girar” (JAMES, 2017, p. 18).

Nesse sentido, outro personagem ganha voz e força na narrativa agenciada por Marlon James (2017). Bam-Bam é um jovem negro, residente da favela em Kingston e que, desde cedo, presenciou diversos tipos de violências, como o assassinato de sua mãe e, também, a morte cruel de seu pai. Ainda criança, em 1972, cansado das guerras em seu país, ele avalia:

Em Eight Lanes e em Copenhagen City [cidades fictícias da Jamaica] tudo que tu pode fazer é observar. O papo mole no rádio diz que o crime e a violência tão tomando conta do país, e se as coisas algum dia vão mudar, nós vamos ter que esperar pra ver. Mas tudo que a gente pode fazer aqui em Eight Lanes é ver e esperar. Eu vejo a água cheia de merda correndo pelas ruas, e eu espero. Eu vejo a minha mãe aceitar dois caras por vinte dólares cada e mais um que paga vinte e cinco dólares pra gozar dentro, e eu espero. Eu vejo meu pai ficar de saco tão cheio que bate nela como se ela fosse um cachorro. Eu vejo o zinco no teto ficando marrom de ferrugem, e a chuva abrindo buracos nele como se fosse um queijo

<sup>3</sup> Em uma pesquisa anterior, publicada em 2021, sobre o romance de James (2017), eu exploro o sistema político da ilha caribenha. Em meus escritos, explico que a ilha carrega um sistema parlamentar-democrata, cujo chefe de Estado era, até então, a Rainha Elizabeth II (atualmente, falecida) e o primeiro-ministro que é eleito democraticamente de cinco em cinco anos. As eleições se baseiam em um tipo bipartidário, isto é, apenas dois partidos políticos representam a população jamaicana, o PNP e o PTJ (CRUZ, 2021).

gringo, e eu vejo sete pessoas num quarto, e uma delas tá grávida, e outras trepam ali mesmo porque são pobres que não podem nem se dar o luxo de sentir vergonha. E eu espero. (JAMES, 2017, p. 22)

Bam-Bam é um personagem complexo e que sempre aparece na narrativa de James (2017), seja quando narra o abandono estatal ou quando é lembrado por algum outro narrador. A situação vivenciada pelo referido personagem nos faz lembrar da discussão proposta pela filósofa estadunidense Judith Butler (2020) quando a teórica analisa os corpos abjetos e a precariedade social. Em *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*, Butler (2020) retoma a discussão sobre a seletividade do luto, em sua perspectiva clínica e política, e lança mão sobre os seguintes questionamentos: o que leva uma vida a ser reconhecida como vida e, por isso, ser digna do luto; e o que leva uma vida, ou melhor, uma não-vida a não ter os seus direitos básicos assegurados? Para isso, Butler (2020) recorre ao sociólogo Erving Goffman, pois o autor pensa em uma vida menor que é enquadrada e fixada por uma estrutura excludente.

Ser passível para o luto, na análise de Butler (2020, p. 17) é, diante da alteridade do outro, ter a sua humanidade reconhecida, pois “[...] há sujeitos que não são exatamente reconhecidos como sujeitos e há ‘vidas’ que dificilmente – ou melhor dizendo, nunca – são reconhecidas como vidas”. Nesse contraste, o jovem Bam-Bam sempre teve a sua humanidade negada, seja por conta da sua raça ou por conta de sua classe. Trazendo em cena essa vulnerabilidade social que nega a todo instante a sua vida, ele, tristemente, elucida sobre as guerras que vitimam todos seus pares:

E eu tusso e dói tanto para respirar [após a porrada do pai dele em seu peito, quando ele se negou a abaixar para se esquivar das balas perdidas] que eu quero chorar, e eu quero muito odiar esse cara [seu pai], mas a primeira [bala] passa voando como se fosse uma pedrinha e quica na parede. E depois mais uma e mais uma. Daí eles entram bem pelo meio da parede pá-pá-pá-pá-pá-pá menos a última bala que acerta uma panela em cheio fazendo plim, e depois mais seis, sete, dez, vinte entram pela parede [...]. E ele me puxa e tenta tapar os meus ouvidos, mas ele me puxa com tanta força que nem percebe que tá enfiando o dedo em meu olho. (JAMES, 2017, p. 25)

Dessa forma, entendemos como é possível agenciar a história social de seu país a partir de diversas vozes, sejam elas de políticos mortos ou de jovens que sofrem com a letalidade do abandono estatal. Mais adiante na narrativa, o jovem Bam-Bam, órfão de pai e mãe, envolve-se com a gangue de Papa-Lo e vira o braço direito do comandante geral de Kingston (PTJ).

Assim, outro personagem agenciado no romance-coral de Marlon James (2017) é Papa-lo, líder da maior gangue de traficantes da Jamaica. Carregado de mistérios, a intenção de Papa-lo é, a rigor, aproximar-se do cantor Bob Marley para assassiná-lo e,

para isso, o narrador não mede esforços. Mostrando o seu poder, em conversa com integrantes de sua gangue, ele ratifica:

Tão vendo isso aqui? Do cemitério velho pro oeste, do cais do porto pro sul, e todo o sudeste de Kingston? Eu que mando. A Eight Lanes fecha com o PNP, então eles cuidam das coisas deles. Daí tem esse território aqui no meio que a gente tem que brigar por ele, e às vezes a gente perde. Ele é lá de Trench Town, então tem gente que acha que ele é uma marionete do Partido Nacional do Povo. (JAMES, 2017, p. 38)

Na narrativa jaminiana, Papa-Lo é o membro da gangue que tem mais contato com o candidato à eleição representado pelo PTJ. O partido da direita, por sua vez, se apoiava no poder do tráfico para disseminar a sua ideologia capitalista e, assim, conseguir angariar mais votos para assumir o posto. Embora seja um livro de ficção, os eventos narrados em *Breve história de sete assassinatos* se ramificaram, de fato. Segundo Carl Stone (1977), em seu artigo intitulado *The 1976 Parliamentary Election in Jamaica*, tanto o PTJ quanto o PNP se apoiavam em gangues violentas para conseguir atingir o poder. Com isso, fica latente que, além de agenciar vozes dissidentes, Marlon James (2017) também agencia períodos históricos pouco conhecidos em territórios vizinhos que seguem uma orientação ocidental.

Outra personagem que se destaca na narrativa jaminiana é Nina Burgess. Mulher branca e de classe média, Nina reverbera, em diversos pontos do livro, a necessidade de chamar a atenção do cantor. Miss Jamaica, a história de vida da narradora-personagem se coaduna com a da Miss Mundo 1976, Cindy Breakspere. No entanto, a presença de Nina no romance vai além de uma tentativa de seduzir o cantor; crítica à situação de seu país, ela lembra como a polícia jamaicana age com os mais negros:

A maior parte das mulheres começou a reclamar que tinha hora pra chegar no serviço, e a maior parte dos homens ficou em silêncio porque a polícia só pensa duas vezes antes de atirar se for em mulher. *A gente vamos fazer uma revista*, disse o policial. *A gente vamos cumprir o procedimento e pagar o nome de geral.*

- Qual é o teu, gracinha?

- Perdão?

- Tu mesma, gostosinha, qual teu nome?

- Burgess, Nina Burgess

- Bond, James Bond. Tu bem que podia sê atriz de cinema. [...].

- Olha que eu vou gritar estuprador.

- Porra, e quem é que vai ligar pra esse teu cu cagado aí, hein?

Ele me mandou ficar junto com as outras mulheres enquanto outro policial enfiava a arma no rabo de um homem que tinha começado a falar sobre justiça e igualdade de direitos. Eis um segredo sobre a polícia que um jamaicano jamais diria em voz alta, isto é, nenhum jamaicano que tenha lidado com um desses cuzões. (JAMES, 2017, p. 64, grifos do autor).

Dessa forma, mesmo sendo uma mulher branca e de classe média, Nina mostra a condição dos jovens negros e a situação de ser mulher em uma sociedade, por excelência, segundo suas próprias palavras, machista. No entanto, cabe ressaltar que Nina Burgess é uma das poucas personagens femininas que aparecem no romance, e, diante disso, chamamos a atenção do leitor para a falta de personagens femininas, sobretudo negras. Em contraste, temos, em excesso, jovens periféricos que narram sua vivência na favela e nas periferias jamaicanas.

A situação reverberada por Nina ao ver jovens negros sendo abordados de forma ostensiva, lembra-nos de quando a filósofa feminista negra Angela Davis (2016), em seu livro *Mulheres, raça e classe*, aponta que a atuação policial serve, na atualidade, como uma propagação das barbáries da Casa-Grande. Isto é, segundo o pensamento da autora, os corpos de homens e de mulheres negras são vistos como inumanos e esvaziados de suas funções autônomas. Por isso, Davis (2016) destaca que esses sujeitos sempre foram lançados à margem da sociedade, pertencendo a um não-lugar. Sendo assim, mais propícios às barbáries do Estado branco.

Nessa mesma perspectiva, outro personagem que ganha um tom de denúncia no romance jaminiano é Chorão, um gangsteriano da Jamaica e subalterno a Papa-lo. Residente nos Estados Unidos, Chorão havia se mudado da ilha para estender o poder de seu líder, isto é, levar a facção para a América do Norte. No entanto, Chorão é um personagem ambivalente, pois, ao mesmo tempo em que recusa o seu corpo e a condição homossexual, ele sente prazer por homens brancos e paga por diversão com outros caras estadunidenses. Dessa forma, quem lembra do personagem homossexual na narrativa é Josey Waley, amigo e subchefe da facção de Papa-lo. Então, ao lembrar do apelido do jovem, ele ratifica: “O Chorão, até aquele momento, ainda se chamava William Foster, mas os policiais diziam que ele chorava que nem uma garotinha” (JAMES, 2017, p. 64).

Chorão é um personagem que, na narrativa jaminiana, chama a atenção do leitor acerca da condição do homossexual na Jamaica. Cabe ressaltar, portanto, que ser homossexual no país é crime com sentença de morte. O professor de justiça criminal Jarret Lovell (2016), em seu trabalho antropológico intitulado *'We are Jamaicans': living with and challenging the criminalization of homosexuality in Jamaica*, explica que isso ocorre porque a homossexualidade é vista na ilha caribenha como uma herança branca do período colonial que serviu para subalternizar os afros-jamaicanos. Por isso a repulsa contra os corpos LGBTQIAP+.

Assim, Lovell (2016) explica como é ser homossexual na Jamaica:

Em 2004, uma multidão de jamaicanos aplaudiu o corpo mutilado de Brian Williamson, um dos primeiros homens abertamente gays da Jamaica. Naquele

mesmo ano, a polícia de Montego Bay encorajou uma multidão [de pessoas] que esfaqueou e apedrejou um homem até a morte simplesmente porque ele era gay. Em 2006, um homem chamado Nokia Cowan se afogou depois que uma multidão gritando epítetos homossexuais o expulsou de um píer. (LOVELL, 2016, p. 87, tradução nossa)<sup>4</sup>

Como exposto por Lovell (2016), Brian Williamson foi um ativista que lutou pela causa LGBTQIAP+ na ilha, porém, foi brutalmente assassinado em praça pública. Portanto, ser um corpo de sexualidade dissidente na ilha é flertar com a morte e afrontar a soberania afro da Jamaica. Isto posto, o pensamento anti-LGBTQIAP+ na Jamaica vem de uma herança colonial e escravagista. Assim, analisando essa afirmação, o professor de justiça criminal conclui que,

[...] é importante entender a história durante a qual surgiu o sentimento anti-gay jamaicano. Embora seja tentador descartar a intolerância como simples fanatismo, a intransigência cultural é muitas vezes o resultado de crenças e mal-entendidos contextualizados de longa data que precisam ser entendidos antes que possam ser contestados. No Caribe, a homofobia é melhor contextualizada contra um legado do colonialismo e da escravidão britânica (Robinson, 2009). Portanto, na Jamaica, a homossexualidade é vista tanto como um fenômeno do homem branco quanto como uma perversão ocidental imposta aos afro-jamaicanos durante a era do tráfico britânico de escravos [...]. (LOVELL, 2016, p. 88, tradução nossa)<sup>5</sup>

Dessa forma, no período colonial, os homens negros além de serem vistos como uma máquina que não precisava de cuidados, eram, também, objetificados pelos seus senhores. Essa situação, ressalta Lovell (2016), não era usual entre todos os exploradores, mas era muito comum nas sociedades escravagistas. Isto posto, não fico convencido dos motivos adotados pelos jamaicanos para a criminalização da sexualização dissidente, visto que o padrão de família ramificado pela colonização está baseado em uma relação heterossexual compulsória. Nesta triste perspectiva, seguem os corpos LGBTQIAP+ sem o seu direito de viver livremente.

Baseado nesse cenário, Marlon James (2017) recorre, novamente, à voz de Chorão para lembrar dos abusos que corpos dissidentes sofrem:

---

<sup>4</sup> No original: “In 2004, a crowd of Jamaicans cheered over the mutilated body of Brian Williamson, one of Jamaica’s first openly-gay men. That same year, police in Montego Bay encouraged a mob which stabbed and stoned a man to death simply because he was gay. In 2006, a man named Nokia Cowan drowned after a crowd which was shouting homosexual epithets chased him off of a pier.” (LOVELL, 2016, p. 87).

<sup>5</sup> No original: “[...] is important to understand the history during which Jamaican anti-gay sentiment arose. While it is tempting to dismiss intolerance as simple bigotry, cultural intransigence is often the result of longheld contextualized beliefs and misunderstandings first need to be understood before they could be challenged. In the Caribbean, homophobia is best contextualized against a legacy of British colonialism and slavery (Robinson, 2009). Therefore, in Jamaica, homosexuality is viewed both as a white man’s phenomenon and a western perversion imposed on Afro Jamaicans during the era of the British slave trade [...]” (LOVELL, 2016, p. 88).

Eles quebram a lente esquerda dos seus óculos, e o Chorão usa os óculos assim até hoje porque não tem grana pra arrumar. Eles o levam pra uma sala na delegacia que ele nunca tinha visto antes. Tiram todas as suas roupas, até as cuecas, e o amarram numa cama de armar. O policial diz tu conhece o “Electric Boogie”, seu arrombado? Um deles chega com um fio desencapado arrancado de uma torradeira. Eles separam o fio em dois. Agora vão te chamar de bichona, diz um policial, enquanto outro pega o pau do Chorão e enrola a primeira ponta do fio ao redor da cabeça. Depois eles plugam a tomada. Nada acontece quando eles fazem aquilo, mas alguma coisa acontece quando eles pegam a outra ponta e encostam nos seus dedos, gengivas, nariz, mamilos e cu. O Chorão não me contou nada disso, mas eu sei. (JAMES, 2017, p. 84)

Ao agenciar o personagem chorão, James (2017) contrapõe o imaginário social de uma Jamaica paz e amor, de união de povos oprimidos e filhos do *reggae*. Para além disso, ele nomeia as atrocidades, no caso acima a homofobia contra Chorão, e denuncia os espaços que corpos dissidentes são lançados. Dessa forma, o autor está o tempo todo afirmando que, mesmo em países onde a democracia é um sistema de governo, há uma regra que foi imposta aos Estados de exceção, isto é, da banalidade de opressão sofridas pelos povos dissonantes.

Assim como o narrador do romance, Marlon James também é assumidamente homossexual. Em uma entrevista para a revista estadunidense *The New York Time*, em 2016, o autor contou como sempre lidou com a sua sexualidade na ilha, afirmando que, ainda na adolescência, por ser condenado pelo seu comportamento que destoava dos demais meninos, sempre foi condenado e reprimido. Essa situação, portanto, fez com que James procurasse uma igreja para tentar mudar de condição – tentativa falha. Já na vida adulta, o autor muda-se para os Estados Unidos para expressar sua sexualidade abertamente.

Assim sendo, ao dar vida a sua narrativa, Marlon James (2017) agenciou maquinicamente os seus personagens ao criar espaços de vivência para a enunciação de suas vozes, e, ao mesmo passo, apropriou-se do agenciamento coletivo de enunciação ao ecoar com força e eternizar na literatura as vozes e os corpos minoritários suprimidos na formação social e política jamaicana. Esses mesmos personagens apontados aqui, neste estudo, estão presentes na Jamaica de 1976, ano de disputa parlamentar e que culminou na tentativa de assassinato de Bob Marley e sua família.

### 3 NO CAMPO DE BATALHA: A POLÍTICA DE 1976 À GUIA DA NARRATIVA JAMINIANA

Agenciando o período histórico de 1976 na ilha caribenha, Marlon James (2017)

recorre aos seus narradores para desrecalcar o episódio que deixou o mundo, à época, de olhos atentos na Jamaica. Essa história se inicia em 1972, período de votação parlamentar na ilha. Comandada, até então, pelo PTJ, estavam no pleito os candidatos Michael Manley (PNP), homem branco e filho de Norman Manley, fundador do PNP, e Hugh Shearer (PTJ), candidato negro que nos anos anteriores ocupou a cadeira do senado no parlamento jamaicano.

Nessa disputa, Michael Manley sagrou-se vencedor e ocupou a cadeira de primeiro-ministro, derrotando, deste modo, Hugh Shearer. Insatisfeitos com o resultado das eleições, gangsterianos e apoiadores do PTJ se rebelaram pelas ruas da grande Kingston, instaurando o terror nas comunidades mais carentes da Jamaica (STONE, 1977). De acordo com Stone (1977), esse tipo de comportamento é muito comum na ilha, visto que apoiadores de ambas as legendas costumam não aceitar a derrota para o opositor.

Sobre os idos de 1972, Bam-Bam, personagem da narrativa jaminiana, desperta a seguinte memória:

O Partido Trabalhista da Jamaica [PTJ] governou o país nos anos 1960, mas o Partido Nacional do Povo [PNP] disse pro país que o melhor estava por vir e venceu a eleição em 1972. Agora o PTJ queria o país de volta, e com esses não tinha essa de não pode, não tinha essa de não dá. (JAMES, 2017, p. 52)

Na fala do narrador, percebemos o resultado da eleição de 1972, com Michael Manley saindo como o vencedor da disputa. E, ainda segundo Bam-Bam, o partido eleito neste pleito fez promessas para os jovens do morro, assegurando uma vida melhor e mais dignidade social para aquelas pessoas. No entanto, segundo a pesquisa de Stone (1977), a vitória do PNP não foi tão amistosa assim, visto que esse cenário político foi eivado de conflitos entre apoiadores de ambos os partidos.

Essa situação, porém, perpetuou-se até as eleições de 1976. Assim, de acordo com Stone (1977), no último trimestre de 1975, o PNP já havia começado a realizar a sua campanha visando a reeleição. Apoiadores do PTJ, por outro lado, utilizavam de seu poder na facção da Jamaica para disseminar as suas convicções ideológicas. Bam-Bam, narrador do romance, nos mostra esse período a partir de suas memórias:

Chega o ano de 1976, trazendo uma eleição junto com ele. O cara que traz armas pra favela deixou bem claro que de jeito nenhum aquele governo socialista podia vencer de novo. Eles fariam chover fogo do inferno pra não deixar que isso acontecesse. Primeiro eles mandaram a gente atirar em dois caras de Eight Lanes, mas depois mandaram atirar em mais gente. (JAMES, 2017, p. 94-95)

Na fala do personagem, podemos perceber o modo como as facções criminosas ampliavam o terror na ilha a fim de escolher como vencedora a legenda derrotada em

1976. Nessa perspectiva, avalia Stone (1977), integrantes da facção jamaicana queriam eleger o partido capitalista, especialmente por conta da facilidade que a legenda disponibilizava para transportar armas e drogas para dentro da ilha.

Ainda segundo Stone (1977), o mundo vivenciava o período da Guerra-Fria, então, os Estados Unidos não via vantagem em manter como representante da Jamaica o partido de cunho esquerdista. Para impedir que a ideologia anticapitalista se propagasse na ilha, os Estados Unidos enviaram agentes da *Central Intelligence Agency* (CIA) para controlar os resultados finais desse pleito.

Tal afirmativa fica evidente na narrativa de Marlon James (2017) por conta do personagem Barry Diflorio, um agente treinado que está a mando de seu país na ilha a fim de controlar as eleições parlamentares. Além disso, para atingir o poder, tornou-se necessário contar com a violência mais ostensiva, isto é, invadir casas, incendiar comércios e linchar pessoas que fossem contra o PTJ. Novamente, na fala de Bam-Bam, tal afirmação se mostra mais contundente:

Notícias de que o crime tá fora de controle se espalham pela Jamaica. O país tá indo pro buraco, nem a cidade alta é segura hoje em dia e o PNP tá perdendo o controle da situação. Duas semanas antes da eleição, o Papa-Lo manda a gente bater em todas as casas pra lembrar pras pessoas como elas devem votar. Um dos moleques diz que o Papa-Lo não manda nele. O Josey Wales podia chiar e resmungar e falar umas coisas de duplo sentido, mas o Josey Wales nunca se esquecia de que o Papa-Lo tinha se tornado o Papa por ser o maluco mais violento e casca grossa do pedaço. O Papa-Lo chega perto do moleque e pergunta a idade dele. Dezesete, ele diz. E pelo jeito não vai fazer dezoito, o Papa-Lo diz, e dá um tiro no pé dele. O moleque dá um grito e um pulo e depois mais um grito. Esse pessoal tá ficando malcriado, ele grita. Parece que tão esquecendo quem é o pica grossa do pedaço! Tu aí! Tu esqueceu? ele pergunta, e aponta a arma prum outro moleque. O moleque toma um susto e começa a tremer não-não-não Papa-Lo, tu que é o Don, o Don dos Dons, e o Papa-Lo começa a rir quando o moleque começa a se mijar. Lambe tudo, diz o Papa-Lo, e o moleque se faz de idiota por um segundo, até que o Papa-Lo deu um tiro e disse ou você lambe o seu mijo ou a gente vai lambe o seu sangue, e o moleque, vendo que o Papa-Lo não tava brincando, se agachou e começou a lambe o xixi do chão como se fosse um gato que tivesse ficado louco. (JAMES, 2017, p. 95-96)

Esse quadro de guerra, portanto, não cessou até às vésperas das eleições. Rita Marley (2020), esposa do artista jamaicano Bob Marley, em sua autobiografia, escrita com participação da professora Hettie Jones, confirma esse evento com a seguinte lembrança:

O outono de 1976, às vésperas de uma eleição, cresciam a criminalidade e as tensões sociais na Jamaica. O governo fora incapaz de estabilizar a situação em certas áreas de Kingston. O país era independente desde 1962 e os negros finalmente tinham direito ao voto, mas a maioria dos pobres jamaicanos ainda sofria bastante [...]. Os dois principais partidos políticos, o Partido Trabalhista da

Jamaica e o Partido Nacional do Povo, continuavam a fazer promessas que não podiam cumprir e a manipular os rude boys para propósitos políticos. Muito da política daquela época se resumia a uma distribuição de armas feita por líderes partidários, que ordenavam a morte de seus opositores. (MARLEY; JONES. 2020, p. 211).

Para a jamaicana, a situação da ilha era tão agravante que nessa disputa o PNP teve que tomar decisões importantes para conter a violência. A primeira dessas decisões foi decretar um período de emergência na ilha, isto é, o então primeiro-ministro, que buscava sua reeleição, deu passe-livre para que os policiais utilizassem de seus poderes para sanar a violência que se intensificava cada vez mais. A segunda decisão, portanto, foi a realização de um show pela paz. Assim, vendo a ascensão de Bob Marley no mundo da música, o primeiro-ministro convida o artista para realizar um concerto visando a união dos povos jamaicanos.

Segundo Marley e Jones (2020), o concerto foi patrocinado pelo ministério da cultura e possuía entrada grátis para os residentes da ilha. Marcado para o dia 5 de dezembro de 1976, o show foi bastante aguardado em grande parte do mundo, visto que Bob Marley se assumiria para além de um cantor, isto é, ele atuaria como um grande agente político jamaicano. No entanto, como ressalta Timothy White (2012, p. 270), às vésperas do show, a silenciosa noite de 3 de dezembro foi interrompida “[...] por um estranho barulho que não era exatamente o de fogos de artifício”. Assim, sete homens armados, portando fuzis, alvejaram Bob Marley e seus familiares. Rita Marley, esposa do cantor, recebeu um tiro de raspão na cabeça. Don Taylor, empresário de Bob, foi atingido no tórax. Bob Marley, por sua vez, recebeu um tiro que atravessou o braço direito e acertou seu peito, próximo ao coração. Porém, nessa noite, não houve nenhuma vítima fatal.

Esse episódio também é lembrado por Marlon James (2017) em sua narrativa. Na voz de Demus, membro da gangue de Papa-lo que teve participação direta na tentativa de assassinato de Bob Marley, o personagem lembra da noite de 3 de dezembro:

Na cidade baixa, um monte de ônibus sem tempo pra esperar tá na rua. O sol tá tão alto que a luz só chega no topo dos prédios. Uns pivetes mais novos que eu passam correndo por mim com uma pilha de jornais na cabeça. O Cantor foi baleado! O empresário tá em estado grave! Rita foi pro hospital e já teve alta!

Jah vive.

Não. (JAMES, 2017, p. 279)

Esse triste cenário, contudo, não fez com que Bob Marley desistisse de seu show. Segundo Rita e Hettie (2020), mesmo com os braços enfaixados e sem poder pular muito, Bob Marley realizou o concerto e, ainda, fez com que os dois políticos que estavam em

disputa dessem as mãos em um acordo de paz. Por essa atitude heroica em seu país, Bob Marley foi visto como um grande salvador da cultura negra. Por isso, inclusive, ele foi a voz que cantou a independência do Zimbábue, em 1980 (WHITE, 2012). Passado o show, as tensões políticas na ilha tiveram uma pausa até o dia da eleição, marcada para 15 de dezembro. O PNP, de Michael Manley, saiu, novamente, como vencedor, derrotando o PTJ, de Edward Seaga.

Agenciar dezenas de personagens e um período histórico tão conturbado não é uma situação simples. Todavia, Marlon James (2017) recorre ao poder da literatura para enunciar essas vozes que foram esquecidas no processo da formação social de nosso ocidente. Ao dar vida e realidade às situações que atravessam o romance, James (2017) consegue abordar, de forma diversa, histórias que ainda estão ramificadas na memória social da Jamaica e, sobretudo, trazer uma visão diferente sobre o artista Bob Marley, isto é, como um agente social e político em sua terra.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance de Marlon James faz com que a narrativa romanesca seja parte da história e da memória cultural da Jamaica. Ler *Breve histórias de sete assassinatos* é adentrar brevemente na vida dos/das jamaicanos/as, de então e de agora, tendo em vista que os eventos do passado continuam a gerar marcas determinantes no presente.

A teoria de Gilles Deleuze e de Félix Guattari, no que diz respeito ao agenciamento maquínico, ajuda-nos a compreender como a superposição de vozes no romance, para além de um efeito simplesmente narrativo, é crucial para o entendimento de um país em disputa, cindido entre os fantasmas do comunismo e do capitalismo, deixando seus povos reféns de governos que continuam a monopolizar as vidas em um infundável comércio colonial com todo o refinamento que os séculos XX e XXI podem oferecer.

As personagens, em seus diferentes lugares de enunciação, fazem com que a polifonia do romance aja em favor da escavação que a história jamaicana requer. Da mesma forma, elas nos transmitem, ainda, a sensação de que a Jamaica e sua ambiguidade histórica, suas cisões e confusões entre partidos e facções políticas estão também muito presentes aqui, lá e acolá.

Isso posto, a partir de uma leitura exploratória de cunho bibliográfico, foi possível perceber os operadores de agenciamentos, propostos por Deleuze e Guattari (2017a; 2017b), e o modo como isso é reverberado na literatura do autor afro-jamaicano Marlon James (2017). Assim, em sua primeira parte, este estudo entende os operadores de agenciamento em suas duas vertentes: maquínica e coletiva de enunciação.

Na segunda seção deste estudo, analisamos alguns dos narradores que formam a

narrativa polifônica de Marlon James (2017). A partir desse movimento, percebemos que o autor recorre a diversas vozes para refazer o percurso político da ilha na década de 1976 por meio de sua ficção. De forma igual, na terceira parte deste artigo, percebemos o quadro político de 1976, pós-assassinato a Bob Marley, na ilha caribenha e o modo como os dois partidos políticos engendraram o terror e a violência nas comunidades mais carentes da Jamaica.

Em síntese, a narrativa aqui posta em análise nos ajuda a compreender uma Jamaica a partir de pontos sociais complexos, mostrando diferenças e singularidades entre os sujeitos e, ao mesmo modo, humanizando essas vozes que juntas compõem a narrativa-coral jamaicana. Ao fazer isso, James (2017) produz efeitos de existência e resistência através de sua ficção.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. "Introdução: vida precária, vida passível de luto". In: \_\_\_\_\_. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?**. Tradução de Sérgio Tadeu e Arnaldo Marques. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. p. 13-56.

CRUZ, João Vitor Dias da. O poeta se rebela: uma análise sobre a Jamaica novecentista em Breve história de sete assassinatos, de Marlon James. **Revista Mosaico**. São José do Rio Preto, v. 20, n. 1, p. 418-436, 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles. "Gaguejou...". In: \_\_\_\_\_. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 138-146.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. 3ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2021. 420p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. "O que é uma literatura menor"? In: \_\_\_\_\_. **Kafka: por uma literatura menor**. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017a. p. 33-53.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. "O que é um agenciamento"? In: \_\_\_\_\_. **Kafka: por uma literatura menor**. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017b. p. 145-157.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. —Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. 94p.



JAMES, Marlon. **Breve história de sete assassinatos**. Tradução de André Czarnobai. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

JAMES, Marlon. **A brief history of seven killing**. New York: Riverhead Books, 2015 (ebook).

LOVELL, Jarret S. 'We are Jamaicans:' living with and challenging the criminalization of homosexuality in Jamaica. **Contemporary Justice Review**, Estados Unidos: n. 19 v.1, 2016. p. 86-102.

MARLEY, Rita; JONES, Hettie. **No woman no cry: minha vida com Bob Marley**. Tradução de Daniel Pellizzari. 1ª ed. Caxias do Sul: Belas Letras, 2020.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2016.

STONE, Carl. The 1976 parliamentary election in Jamaica. **The Journal of Commonwealth & Comparative Politics**, Jamaica, v. 15, n. 3, p. 250-265, 1977.

WHITE, Timothy. **Queimando tudo: a biografia definitiva de Bob Marley**. Tradução de Ricardo Silveira. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.